

Boletim Gaúcho de Geografia

<http://seer.ufrgs.br/bgg>

O POTENCIAL TURÍSTICO DA ILHA DOS MARINHEIROS

Marcia Wojtowicz Maciel

Boletim Gaúcho de Geografia, 26: 257-262, jul., 2000.

Versão online disponível em:

<http://seer.ufrgs.br/bgg/article/view/39718/26537>

Publicado por

Associação dos Geógrafos Brasileiros



Portal de Periódicos
UFRGS

UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO GRANDE DO SUL

Informações Adicionais

Email: portoalegre@agb.org.br

Políticas: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/editorialPolicies#openAccessPolicy>

Submissão: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/submissions#onlineSubmissions>

Diretrizes: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/submissions#authorGuidelines>

Data de publicação - jul., 2000

Associação Brasileira de Geógrafos, Seção Porto Alegre, Porto Alegre, RS, Brasil

O POTENCIAL TURÍSTICO DA ILHA DOS MARINHEIROS

*Marcia Wojtowicz Maciel**

INTRODUÇÃO

O turismo, fenômeno da modernidade, é hoje o marco da globalização¹. É a atividade econômica que mais cresce no mundo contemporâneo. Sua taxa de crescimento anual é de 4%. De acordo com a Organização Mundial do Turismo (OMT), antes do final do século XX o turismo será a principal atividade de exportação, transferência de divisas e geração de empregos em todo o planeta².

Não podendo menosprezar a importância econômica dessa atividade e visando o desenvolvimento local, a Prefeitura Municipal do Rio Grande, juntamente com mais 21 prefeituras do Estado, engajou-se no projeto denominado "Rota da Costa Doce"³. Esse projeto abrange uma área que se estende do município do Chuí ao município de Guaíba. Rio Grande, como membro desse projeto, está organizando o roteiro dos pontos turísticos a serem divulgados. A Ilha dos Marinheiros, detentora de um patrimônio natural, histórico e cultural será um dos pontos a somar-se no roteiro turístico da cidade do Rio Grande. Esse aceno criou uma grande expectativa junto aos moradores do local, em razão dos prováveis benefícios que poderão resultar, gerando emprego e renda.

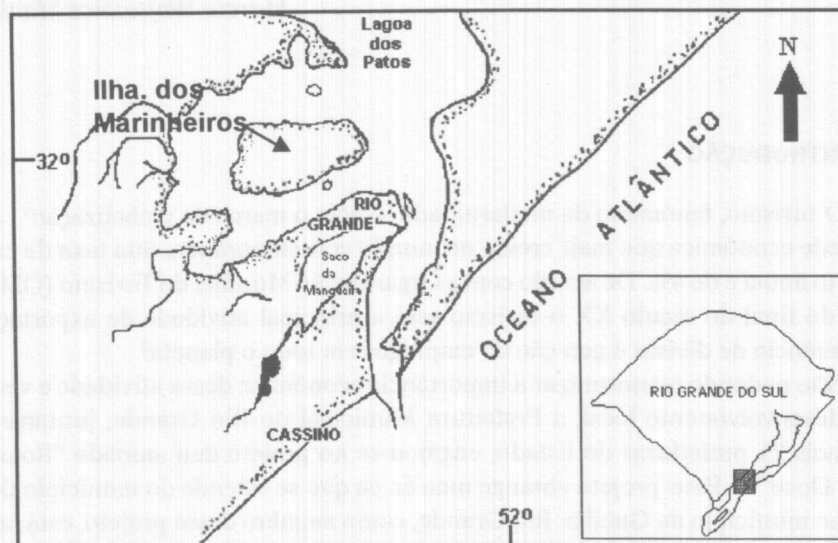
A HISTÓRIA PAISAGÍSTICA E CULTURAL DO LUGAR

A Planície Costeira do Rio Grande do Sul, com exceção da região de Torres, que, em razão do derrame basáltico, apresenta alguma altitude, não possui qualquer elevação. Por causa dessa uniformidade, o relevo é considerado muito monótono. Pode-se considerar como tal em comparação com outras áreas do Estado que possuem um relevo mais acidentado, como a região do Escudo ou da Serra Geral. Mas, assim como as demais áreas, a costa sul-rio-grandense é detentora de uma grande multiplicidade de paisagens dotadas de belezas naturais. Dentre elas pode-se destacar o oceano, as lagoas, os campos de dunas, os banhados, as ilhas e a Laguna dos Patos. O estuário da Laguna dos Patos, por ser uma zona de contato e trocas entre as águas doces e o oceano, é responsável pela formação do sistema ambiental lacustre-marinho definidor de um extraordinário ecossistema flori-faunístico. Também por

possuir uma intensa hidrodinâmica e morfodinâmica, tem suas margens recortadas em sacos e flanqueadas de ilhas. Entre as várias ilhas que compõem o estuário, a maior é a Ilha dos Marinheiros.

A Ilha dos Marinheiros localiza-se na Planície Costeira do Rio Grande do Sul, a sudoeste da desembocadura da Laguna dos Patos.

FIGURA 1 – Mapa de localização da Ilha dos Marinheiros



FONTE: CASTELÃO ET. AL., 1997.

A ilha pertence ao município do Rio Grande e, em razão disso, faz parte do processo histórico do Estado do Rio Grande do Sul. Ela desempenhou um importante papel na povoação da Vila do Rio Grande de São Pedro e, posteriormente, da cidade do Rio Grande, pois foi a maior fornecedora de madeira e água potável na época.

A madeira era matéria-prima muito utilizada, devido à disponibilidade existente. A restinga do Rio Grande e a Ilha dos Marinheiros eram compostas por inúmeros capões de mato de muito boas madeiras. Mas o intenso desenvolvimento, acompanhado de muitas construções, necessitando obter mais matéria-prima, promoveu uma devastação dos capões de mato que circundavam Rio Grande e desta forma a Ilha dos Marinheiros torna-se a maior fornecedora de madeira.

A Ilha dos Marinheiros foi também o centro fornecedor de água potável para a Vila do Rio Grande. A qualidade da água da ilha é histórica, sempre citada como sendo límpida e de bom paladar. A cidade do Rio Grande, por não comportar um corpo de água doce, inviabilizava o abastecimento de água à população. Diante dessas circunstâncias, restaram duas alternativas: utilizar o sistema de poços, tam-

bém conhecidos como cacimbas, ou buscá-la na Ilha dos Marinheiros. A população supria suas necessidades retirando água de poços públicos distribuídos na restinga e da Ilha dos Marinheiros.

A ilha, além de fornecedora de água e madeira, exerceu outro papel. Tratando-se na época de um lugar retirado e de difícil acesso, foi utilizada como presídio. Para lá eram enviados, a título de punição, os soldados que não mantinham um padrão disciplinar. Tal procedimento evidencia que a ilha era vista como um lugar inóspito para se viver. Mas esse percalço não impediu que, aos poucos, grupos humanos ali se fixassem. Dentre seus atrativos constava mais um de suma importância: suas fertilíssimas terras, propícias à agricultura. Essa qualificação atraiu populações de imigrantes portugueses e africanos que, familiarizados com as atividades agrícolas, foram lá se estabelecendo. A ilha era utilizada também como lugar de veraneio, onde as pessoas mais abonadas da cidade costumavam passar temporadas de descanso, e esta peculiaridade persistiu por longos anos.

No tocante ao ambiente, a ilha apresenta basicamente três paisagens distintas. Margens ou também denominada periferia, é a área caracterizada por um grande cinturão verde, ou seja, pela presença da mata nativa e/ou pela prática da agricultura. É aí que se localizam as chácaras, devido à grande fertilidade do solo. A segunda paisagem é constituída pelos cordões de dunas. Algumas dunas chegam a atingir até dez metros de altura. A terceira paisagem é formada por uma planície arenosa com algumas depressões. Nas depressões encontram-se várias lagoas, entre elas a lagoa do Rei, que é a mais expressiva.

Quanto à questão cultural, os ilhéus conservam hábitos e costumes trazidos pelos colonizadores portugueses. Como tais, podemos citar o horário de trabalho e alimentação, o culto a várias festas religiosas, a credence em lendas, a culinária, o fabrico de bebida tipicamente portuguesa e outros. Essas características são mantidas em virtude da dificuldade de acesso, que ocasionou um relativo isolamento, imprimindo-lhe certas peculiaridades.

TURISMO – ALTERNATIVA DE DESENVOLVIMENTO

Com base no potencial geográfico da região e na variedade de atrativos tanto naturais como culturais, acredita-se que a ilha, sem sombra de dúvida, pode ser transformada em um centro turístico provedor de benefícios para a comunidade local. O turismo amenizaria parte das dificuldades financeiras dos agricultores e pescadores⁴ que, em virtude da crise econômica, muitas vezes não conseguem o mínimo necessário para sua sobrevivência. Tal situação está desencadeando um processo migratório na ilha: grande parcela da população, sem alternativas econômicas que venham a fortalecer economicamente a comunidade, desloca-se para a cidade do Rio Grande ou outras localidades, visando oportunidades no mercado de trabalho. O turismo seria uma alternativa de modo a tentar barrar ou amenizar este processo, pois revigoraria esta área e dinamizaria a economia atra-

vés das práticas artesanais, dos manufaturados, das pequenas indústrias e dos produtos coloniais⁵.

Mas é mister que se analisem criteriosamente os aspectos positivos e negativos relacionados direta ou indiretamente com o turismo. Vários estudos⁶ realizados nesta área demonstraram que a grande maioria das localidades que se engajaram na rota do turismo vêm sofrendo inúmeros tipos de agressões, provenientes de um turismo feito de forma desordenada e sem controle, muitas vezes não respeitando a população local e o ambiente. Exemplificando, temos o estudo realizado por LUCHIARI (1997), junto à população do litoral paulista, os caíças. Os caíças mantiveram uma preservação social e ambiental até o final da década de 70. Da década de 80 para cá, a atividade turística passou a modelar a paisagem e a acelerar o processo de urbanização, e fez surgir a especulação imobiliária, culminando por mudar o perfil demográfico com o incremento migratório. Em resumo, ocorreu uma marginalização ou mesmo expulsão das comunidades caíças. O turismo foi o vetor transformador da estrutura sócio-espacial e gerador de todas as outras mudanças econômicas, sociais, paisagísticas, culturais e ecológicas. Outro exemplo de impacto pode ser encontrado no trabalho de CORIOLANO (1997), que aponta que algumas comunidades receptoras incorrem no grave erro de considerar a cultura do visitante superior à sua e daí advém um indesejável processo de renegação dos valores e da cultura local. Mas, entre os vários impactos causados pelo turismo, um dos considerados mais sérios é o aumento da prostituição, em particular, da prostituição infantil, uma tendência em escala global⁷.

Atualmente, a questão ambiental e a primazia da qualidade de vida da população está sendo progressivamente incorporada como requisito no desenvolvimento do turismo. Esses fatores norteadores fazem com que o turismo comece a se tornar uma alternativa de desenvolvimento econômico conciliado à recuperação da história, da identidade local e da preservação ambiental. Essa postura é mais do que necessária, haja visto que o turismo é um fenômeno movimentado por pessoas que procuram atrativos que não estão integrados no seu trivial, procuram o diferente, o exótico. Se, ao contrário disso, continuar uma atitude de destruição, a tendência é o turismo entrar num processo autofágico. Pois, na ânsia de se propagar, impede as necessárias medidas de prevenção que poderiam garantir o controle de sua expansão⁸. Por essa razão, urge uma análise sobre a viabilidade do turismo de massa⁹, as investidas de forma exagerada que muitas vezes causam danos irreparáveis ao homem, ao meio e à própria atividade turística.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O turismo, como já foi visto, apresenta virtudes e pecados¹⁰, virtudes estas traduzidas por desenvolvimento econômico, bens e serviços, e pecados, por degradação social e ambiental.

Mas, diante da combalida situação econômica que a Ilha dos Marinheiros vem

atravessando nas últimas décadas, acredita-se que um incremento ao turismo poderia ser a opção mais viável no momento, pois este tipo de empreendimento, quando bem elaborado, tende a apresentar retornos geralmente a curto e a médio prazos. Face as multifacetadas do turismo, faz-se necessário um levantamento dos bens culturais e ambientais para que seja conhecida a capacidade de suporte da área e que haja um planejamento das atividades visando o manejo adequado. Isso é muito importante que se realize, para que uma atividade que poderá ser promissora para os ilhéus não morra na gênese. Também é relevante desenvolver trabalhos com a comunidade local, alicerçados na educação ambiental, de forma a estimular o sentido crítico, que permita que a comunidade se engaje em discussões sobre as vantagens e desvantagens do turismo, no que tange, sobretudo, à cultura e à degradação ambiental e seu papel no processo. Participando das tomadas de decisões, a população estará preparada para que o turismo interfira da menor forma possível no seu modo de vida e ambiente. O turismo também seria de muita valia no tocante ao incentivo à população a manter a cultura viva e um conhecimento aprofundado do seu ambiente, fomentando o processo de conscientização e valorização.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CORIOLOANO, Luzia Neide M. Da sedução do turismo ao turismo da sedução. In: RODRIGUES, Adyr Balastrieri (org.). *Turismo. Modernidade. Globalização*. São Paulo : Hucitec, 1997. p. 119-135.
- DIAS, Genebaldo Freire. *Educação ambiental: princípios e práticas*. São Paulo : Gaia, 1992.
- GASTAL, Susana. (org.). *Turismo: 9 propostas para um saber-fazer*. Porto Alegre: Ed. dos Autores, 1998.
- GOMES, Lirandina. Praia do Forte, BA: o paraíso e suas contradições. In: RODRIGUES, Adyr Balastrieri (org.). *Turismo. Modernidade. Globalização*. São Paulo : Hucitec, 1997. p. 172-184.
- LUCHIARI, Maria Tereza D. P. Turismo e cultura caiçara no litoral norte paulista. In: RODRIGUES, Adyr Balastrieri (org.). *Turismo. Modernidade. Globalização*. São Paulo : Hucitec, 1997. p. 136-154.
- MACIEL, Marcia Wojtowicz. *A educação ambiental como instrumento na busca de soluções para os problemas sócio-ambientais na Ilha dos Marinheiros. Rio Grande/RS*. Dissertação (Mestrado em educação ambiental) – Fundação Universidade Federal do Rio Grande, 1997.
- MOESCH, Norma Martini. Turismo: virtudes e pecados. In: GASTAL, Susana (Org.). *Turismo: 9 propostas para um saber-fazer*. Porto Alegre: Ed. dos Autores, 1998.
- PELLEGRINI FILHO, Américo. *Ecologia, cultura e turismo*. Campinas: Papirus, 1997.

RIBEIRO, Miguel Angelo. Prostituição de rua e turismo: a procura do prazer na cidade do Rio de Janeiro. In: RODRIGUES, Adyr Balastreri (org.). *Turismo. Modernidade. Globalização*. São Paulo : Hucitec, 1997. p. 102-118.

SILVA, Sylvio Bandeira de Mello e. Turismo e urbanização. In: RODRIGUES, Adyr Balastreri (org.). *Turismo. Modernidade. Globalização*. São Paulo : Hucitec, 1997. p.161-171.

*Professora no Depto. de Geociências da FURG – Mestre em Educação Ambiental (FURG).

¹Rodrigues, 1997.

²Dória Júnior, apud Pellegrini Filho, 1997, p. 134.

³Informação obtida na Secretaria Municipal de Habitação e Desenvolvimento do Rio Grande.

⁴A agricultura familiar e a pesca artesanal são as únicas atividades econômicas na Ilha dos Marinheiros.

⁵Moesch, in Gastal et. al., 1998.

⁶Ver: Coriolano, 1997; Gomes, 1997; Luchiari, 1997; Silva, 1997 e Ribeiro, 1997.

⁷Ribeiro, 1997.

⁸Moesch, in Gastal et. al., 1998.

⁹É o turismo cujo fluxo ultrapassa os limites da capacidade de recepção de um local em determinado tempo. (Pellegrini e Filho, 1997, p. 12).

¹⁰Título do trabalho de Moesch, in Gastal, 1998.